



O ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO SÉCULO XXI – OLHARES SOBRE A PRÁTICA EDUCATIVA

Fernanda Maria Sousa Martins;

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, nnanda_cg@hotmail.com.

Luiz Carlos da Silva Costa;

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, carlosenjel@hotmail.com

Maria Isabel da Silva Bezzerá;

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, isabelsillva.11@gmail.com

Lilian Luzia Martins de Melo;

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, lilian_luzia@hotmail.com

Resumo:

O presente artigo aborda, em termos gerais, a dura realidade da baixa qualidade do ensino de arte e a atenção recebida por algumas escolas no cotidiano da Educação Infantil. Mostra por outro viés, a difícil tarefa do *quê* ensinar, e principalmente *como*? A relação intensa entre a prática docente e os conceitos entre educação e arte como instrumento de formação além da oralidade e escrita no cotidiano. Revela os tipos de atividades com linguagens artísticas aplicadas e a estrutura e modelo adotado por alguns professores em suas aulas. Busca esclarecer a importância da formação docente, do planejamento e da ação docente no sentido de aperfeiçoamento do ensino aprendizagem. A organização deste trabalho é também voltada ao resgate do ensino das linguagens artísticas que se dar através das ações do professor como algo essencial a construção cultural, comunicação, expressão e desenvolvimento da criança, bem como mostrar métodos que possibilite a fácil compreensão dos conteúdos estudados frente ao desenvolvimento psíquico da criança. Desta feita, este trabalho lança um olhar questionador das ações que norteiam o ensino de arte e se debruça nos aportes teóricos para resgatar o seu real sentido no processo de formação dos sujeitos no ambiente escolar. Neste sentido, este trabalho tem como locus de investigação, pesquisas de referências bibliográficas de obras de autoras como, Barbosa, Ferraz e Fusari que são autoridades no assunto e outros documentos norteadores, bem como os referenciais curriculares. No entanto, podemos afirmar que através desta pesquisa, podemos compreender nas entrelinhas abaixo, o real valor das artes na educação, e não apenas como disciplina de improviso, mas como conceito fundante na construção de sujeitos que produz, expressa e interage com o mundo em sua volta.

Palavras-chave: ensino, arte e educação, prática docente.

INTRODUÇÃO

O mundo infantil é regrado por cores e imagens, rico em criatividade e imaginação, e a criança da escola contemporânea é um agente participativo de um mundo em revolução cultural, diante disso, surge a necessidade de um ensino artístico de qualidade que revele as formas, as cores e as múltiplas linguagens visuais. Educar o olhar da criança através de ensino artístico tem sido um desafio para muitos professores, isso se justifica pela falta de formação, de recurso, reconhecimento, apoio da escola, pesquisa e planejamento, políticas públicas entre outros fatores. Neste sentido, faz-se necessário criar



condições de aprendizagem através de um ensino inovador que trabalhe na reinserção e reconstrução da prática docente que corrobore para uma melhor estrutura física e psicológica dos sujeitos em processo de formação. Por outro lado, não podemos negar a contribuição das artes na educação, nem deixar a margem, a produção artística de um povo enquanto patrimônio cultural. Arte e educação são termos indissociáveis, por esse motivo, tem sido o eixo central nos debates entre Arte-Educadores e outros especialistas no assunto nos dias atuais no sentido de tornar visível o papel da arte na Educação Infantil e apontar caminhos que levem a sua aplicação de maneira enriquecedora.

Portanto, o estudo aqui revelado faz emergir as contradições e ambiguidades bem como a visão exacerbada sobre o ensino de arte que estão ocorrendo em muitas escolas, trazendo a tona questionamentos reveladores sobre o assunto ao mesmo tempo em que propõem sugestões de rupturas na dinâmica da prática pedagógica. Objetiva também fomentar as formas de abordagens do ensino e as visões estereotipadas, lançando um olhar crítico e analítico do que vem sendo reproduzido nas aulas de educação artística.

Sobre que ensino de arte está se falando

A educação que se dar pelas artes não é apenas uma alternativa educativa, ela se confirma no realce do desenvolvimento da pessoa no seu todo, ligado à personalidade, sentidos físicos e sensoriais, criticidade, criatividade, expressividade, percepção, apreciação, imaginação, memorização no processo de formação da criança. É portanto,

[...] um movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano completo, total, dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático. Valorizando no ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 17).

Neste sentido, a arte quando empregada na educação abarca princípios fundamentais e universais ligados à forma e a criatividade nos quais podem ser trabalhados na base da educação, ligando a plasticidade ao meio social. Diante disso, o ensino de arte surge como um forte aliado da educação na superação de muitas problemáticas do novo mundo, educando o olhar dos sujeitos para as novas formas e conceitos de ser e está em relação ao outro, as coisas e objetos. O mundo globalizado em que vivemos está em constante transformação, devido a isso, a escola do século XXI tem enfrentado dificuldade na formação dos seus atores sociais, de educar o olhar para múltiplas situações que as novas mudanças nos impõem. Mais a dialética que se apresenta muitas vezes no cenário da



educação pressupõem que o ensino de arte pode ser substituído por outra disciplina, e que este não tem a mesma importância da leitura e da escrita, que já está superado, não recebendo assim o mesmo tratamento das demais disciplinas. Contrário a esta visão, podemos ver que o ensino de arte está assegurado em vários documentos legais, a princípio, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9.394/96, onde estabelece a obrigatoriedade através do Cap. II, Art. 26, 2º parágrafo, onde afirma que, “o ensino de arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica” (BRASIL, 1996).

A legislação orienta que é direito dos educandos o acesso ao conhecimento artístico. Portanto, é dever da escola propiciar um ensino inovador, lúdico e livre de estereótipos. A exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (BRASIL, 1997), abordam que devem ser trabalhados na primeira fase da educação infantil as artes plásticas, dança, teatro e música. Proporcionar também, novos experimentos além de tinta e papel, com planejamentos laboriosos que objetivem a transformação da criança pelo desenho, modelagem, colagem, pintura, e materiais diversos como papéis, madeiras, colas, pigmentos, tecidos, argila, areia e outros. No mesmo sentido a nova Base Nacional Comum Curricular assevera que a criança deve

conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, [...] vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras” (BRASIL, 2017, p. 37).

Diante disso, a análise aqui descrita, busca demonstrar mediante pesquisas bibliográficas, as disparidades do ensino de arte em relação não apenas a outras disciplinas como buscar soluções através do discurso no sentido de amenizar os impactos na sala de aula para que se possam encontrar meios de solucionar os problemas que surgem a cada dia no contexto escolar.

A educação pela arte, obstáculo, limites e superação

O espaço que os conteúdos de arte ocupam no currículo da educação básica hoje, além de pequeno se estreita ainda mais na sua aplicação em sala de aula, colaborando assim para uma péssima qualidade do ensino. Isso se confirma na observação dos conteúdos ministrado por algumas escolas, onde geralmente são insuficientes ao aprofundamento das linguagens, e porque a maioria dos professores da Educação Infantil



atua equivocadamente, afirmando não adotar o Livro Didático de Arte nem preparar de forma planejada suas aulas. Deve-se levar em conta que a arte na educação se dá de forma representacional dos sentidos, transmite significados que não pode ser reproduzido de outra forma ou por outra disciplina, isso porque,

“através das artes temos a representação simbólica dos traços espirituais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou o grupo social, seu modo de vida, seu sistema de valores, suas tradições e crenças” (BARBOSA, 1998, p. 16).

Em relação a isso, os Arte-Educadores do Brasil tem enfrentado grandes dificuldades de estabelecer uma coerência entre o real sentido do ensino das artes e o que propõem o currículo no sentido de melhorar a qualidade da educação. Os pesquisadores objetiva também despertar o interesse da comunidade escolar para as novas formas do fazer artístico em sala de aula, quer de forma disciplinar, interdisciplinar, transversal ou por ciclos de interesses, propondo um modelo de aula que envolva saberes construtivos próximos da realidade do aluno e do currículo escolar. Mais as dificuldades que se apresenta torna cada vez mais difíceis o avanço do ensino.

A baixa qualidade do ensino na Educação Infantil principalmente a partir do 4º ano se revela quando pedimos para alguma criança desenhar, muitas delas ficam desesperadas por estarem habituadas a um modelo de ensino repetitivo, onde são na maioria das vezes, são habituadas a fazerem apenas o que se pede, e nas escolas públicas se torna mais gritante. Por isso, a grande maioria sempre perguntam o que se deve fazer antes de começar a pintar ou desenhar por não terem sido orientados em anos anteriores. Segundo Barbosa (1998, p. 17),

ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo o tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens.

Outra problemática que envolve o ensino de arte é o uso do seu tempo para outras disciplinas. Ocorre que em muitas escolas essa prática tem sido uma regra. Com isso, não só é violado o direito da criança como também retarda seu desenvolvimento em compreender como se dá as formas, movimento e espaço no mundo. Embora o ensino não esteja voltado a formação de artista, não se pode deixar de lado a questão do acompanhamento diferenciado por parte da escola aos alunos que denotam algum domínio ou talento artístico. Do modo contrário, muitos desses talentos terminam enveredando em outras áreas ou se perdendo no caminho, vindo depois como consequência, o desencantamento deles pela arte. O professor na condição de agente mediador do conhecimento,



muitas vezes se exime da responsabilidade de propiciar de maneira convidativa, ações que leve o aluno que possui um gênio artístico a se encontrar com seu talento, para que este possa se desenvolver e se emancipar. Ou de outro modo, subsidiar ferramentas para que o mesmo busque conhecimentos na condição de aluno autodidata. Talvez devêssemos nos perguntar por que atualmente a sociedade não produz tantos gênios da arte como no passado. Estaria isso relacionado ao nosso modelo de educação? A promiscuidade em relação à arte pela sociedade? A baixa qualidade do ensino?

O arte-educador e a prática docente

Na prática educativa observamos que a Educação Artística tem sido nos últimos dias em muitas escolas, desenvolvida de forma incorreta, quando não incompleta. A questão é que, muitos professores propõem atividades muitas vezes desvinculadas de um verdadeiro saber artístico. Espera-se que a prática pedagógica busque uma trajetória onde os seus métodos trabalhem mais a questão do livre pensar, bem como o estímulo a criatividade, isso porque toda criança está apta à criatividade, isso se ver nos traço produzido por elas sobre uma superfície plana, usando o objetivo como representação, uma intencionalidade que vem do mundo subjetivo para o visual. Concomitantemente, o ensino artístico contribuem para o aprimoramento da leitura de mundo, expressão, criticidade, criatividade, coordenação motora fina, raciocínio, socialização, conscientização e outras habilidades. Trabalha-las de forma didática e aliadas a outros conteúdos, podem contribuir para reforçar as relação com outras disciplinas e ao mesmo tempo colaborar para o desenvolvimento das crianças, desde a pré-escola a alfabetização. Por aí se ver, que se podem atingir grandes resultados a partir de bons planejamentos a disposição dos docentes, garantindo-lhes resultados expressivos dentro do contexto de um ensino que valoriza a cultura como identidade e o ser criança dentro de suas especificidades.

O pedagogo na condição de Arte-Educador tem o dever de dominar os conteúdos de arte, trabalha-los nas aulas através de um processo dinâmico, com ênfase na autonomia criativa da criança, onde ela consiga transferir para o papel as suas experiências, vivências, anseios, fantasias e traumas, bem como a sua maneira de ser e está no mundo. Por isso, a aula deve transcorrer de maneira prazerosa, sem imposições de atividade, mas através de interações com o objeto de aprendizagem. Um dos objetivos do ensino de arte é o de formar nos educando uma consciência e um olhar crítico que



lhes possibilitem um melhor entendimento e interação com os símbolos culturais e artísticos das Artes Visuais, pois segundo os Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil,

tal como a música, as Artes Visuais são linguagens e, portanto, uma das formas importantes de expressão e comunicação humanas, o que, por si só, justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente (BRASIL, 1998, p. 85).

Entender como se dá o processo da educação pela arte ou pela Arte-Educação deve ser um das missões do pedagogo na Educação Infantil pelo fato da sua complexidade nesta fase. Podemos considerar que os primeiros riscos e traços feitos como representação pelas crianças em momentos que antecede a fase escolar comumente chamados de grafismo ou desenhos infantis, é por assim dizer, uma pré-história da escrita que precisa de toda atenção do professor na chegada da criança na escola. Estes rabiscos assim como os desenhos indefinidos, em sua totalidade, leva a criança a atribuir objetos a função de signos. Seria no caso, o início da construção de sistemas de representação, que é colaborador da língua escrita.

Neste sentido observamos que o desenho e a escrita estão intimamente unificados a um mesmo processo, o de levar a criança a entender a codificação e representação a partir de um registro.

a professora e o professor necessitam articular condições de organização dos espaços, tempos, materiais e das interações nas atividades para que as crianças possam expressar sua imaginação nos gestos, no corpo, na oralidade e/ou na língua de sinais, no faz de conta, no desenho e em suas primeiras tentativas de escrita (BRASIL, 2013, p. 93).

É pertinente afirmar que a partir desta visão que, professores e pais sejam estimuladores não só nos anos iniciais, mas durante toda trajetória escolar até o 5º ano, criando condições para que a criança tenha contato com diversos materiais e ambientes em diversas situações de aprendizagem. A criança que tem esse tipo de suporte como ferramenta facilitadora, além de apresentar uma melhor socialização, certamente apresenta melhor rendimento escolar.

A Arte-Educação permite a prática do professor, recursos didáticos que permite observar e analisar a maturidade psicomotora da criança, sua percepção, atenção, visão e outros sentidos. Da mesma forma, mensurar o nível de concentração, afetividade, conhecimento de mundo e outras potencialidades. E vai mais além, a criança associa as aulas a brincadeiras e poucas se recusam a participar. Portanto, são momento que se espera estimular através da espontaneidade e imaginação, não só a curiosidade pelas formas e cores, como também a autoconfiança, autonomia,



linguagem, pensamento, concentração e atenção, porque arte “[...] é interpretação, é conhecimento do mundo; é, também expressão dos sentimentos, da energia interna, da efusão que se expressa, que se manifesta, que se simboliza. Arte é movimento na dialética da relação homem-mundo” (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 21).

No sentido mais amplo, o chamamento é feito no sentido de mostrar que o ensino de arte pode ir além do que supõem os conteúdos ligados ao desenho, gravura e pintura, e outras áreas como o teatro, dança, fotografia, cinema, escultura, arquitetura, porque é polissêmico e múltiplo. A prioridade no momento é construir uma consciência voltada ao aperfeiçoamento do ensino, e mostrar as contribuições e as diversas formas de se trabalhar arte na Educação Infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola deve propiciar vivências em que os alunos possam aprender através de materiais artísticos diversos em múltiplas situações, relacionando a articulação do fazer com o do representar e do exprimir. Neste sentido, abrir o leque de cores e formas da criatividade infantil de forma autônoma, superando barreiras e limites através de um ensino inovador, e estimulando a criança nas suas várias etapas de desenvolvimento. O ensino deve garantir os aspectos técnicos e inventivos, representacionais e expressivos em Artes Visuais e em músicas, teatro, dança, desenho, pinturas e outros. Isso porque se observa através da relação arte e educação, que o aluno que está envolvido de forma direta aos conteúdos artísticos, tende a se desenvolver mais do que os outros que não tem o mesmo acesso. Em síntese, o ensino de arte tem recebido nos últimos anos, atenção especial pelos especialistas em educação e a comunidade escolar. Essa atenção também se confirma nas palavras de Paulo Freire (1988), quando diz que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Por esse motivo, várias estratégias têm sido adotadas para que o ensino de arte assuma uma posição de destaque na sala de aula, impedindo que o aluno não avance sem os devidos conhecimentos que servirá para sua formação posterior. Diante dessa problemática, os Arte-Educadores do Brasil e outros pesquisadores da área tem buscado unir forças através de novas pesquisas e diálogos no sentido de desenvolver uma prática educativa de forma mais flexível e dinâmica, adaptando a didática as novas descobertas na esfera educativa no sentido de melhorar cada vez mais o ensino e superar as dificuldades. Somente saindo do silêncio das salas de aulas e do romantismo da educação é que poderemos



enxergar a problemática que reside na aprendizagem do ensino de arte, e assim, constatar e refletir sobre o modelo ideal do ensino de arte na Educação Infantil e como este deve ser aplicado no século XXI.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/ Arte, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Proposta preliminar. Segunda versão revista. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf>>. Acessado em: 06. ago. 2017.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica** / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Diretoria de Currículo e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acessado em: 06. ago. 2017.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dez. de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acessado em: 10. ago. 2017.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Ministério da Educação e do Desporto - Secretaria de educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997, 130p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acessado em: 06. ago. 2017.

_____. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**: conhecimento de mundo. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>>. Acessado em: 06. ago. 2017.

FERRAZ, M. H. C. T.; FUSARI, M. F. R.. **Arte na Educação Escolar**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de Ler**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 1988.